
A CONTEMPLAÇÃO PARA ALCANÇAR AMOR NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Juan A. Ruiz de Gopegui, SJ
Belo Horizonte

Origem histórica da Contemplação

A "Contemplação para alcançar amor" ocupa nos Exercícios espirituais de Inácio de Loyola um lugar semelhante ao da consideração sobre o Princípio e Fundamento. Ambas estão fora das quatro semanas que formam o corpo dos Exercícios. Transcendem os exercícios de uma determinada semana, porque se referem a todos. Apresentam linhas de força, orientações básicas, presentes em todos os exercícios.

Tanto uma como outra são apresentadas de maneira abstrata e parecem propor apenas princípios formais e metafísicos do relacionamento da criatura com o Criador. Aparentemente estariam em contradição com o resto dos Exercícios, que são, do início ao fim, um caminhar concreto seguindo os passos de Jesus Cristo. Mas é justamente esta aparente contradição que nos deve alertar para a sua correta interpretação. Deve-se presumir que Inácio, que durante longos anos foi organizando com tanto cuidado os diversos elementos dos Exercícios, para formarem um processo coerente de pedagogia espiritual, não ia cair facilmente numa contradição deste gênero.

Se analisarmos a gênese das diversas peças dos Exercícios, à luz da experiência espiritual de Inácio e do resto dos seus escritos, perceberemos que o que estes dois documentos propõem, de forma tão concisa e sistemática, não é outra coisa senão o mesmo que, de forma existencial e concreta, se desenvolve ao longo dos exercícios das quatro semanas.

Um princípio básico para a hermenêutica do livro dos Exercícios é a consideração do seu caráter de "guia para uma experiência espiritual", vivida por Inácio em Manresa e partilhada depois com os companheiros. Ele o escreveu para o seu próprio trabalho de propor os exercícios, "à maneira de manual prático na direção daqueles a quem fará percorrer os caminhos por ele andados" (1). De forma

(1) LETURIA, P., *Génesis de los Ejercicios de San Ignacio y su influjo en la fundación de la Compañía de Jesús (1521-1540)*, Bibl. Inst. Hist. S.J., vol. XI P. Leturia, Estudios Ignacianos, Roma, 1957, p. 15.

nenhuma o livro é destinado à "leitura espiritual" do exercitante. Por isso, prender-se à letra deste ou daquele texto, isolado do contexto da experiência na sua globalidade, significa fechar-se num campo restrito de interpretação, incapaz de desvendar o verdadeiro sentido do escrito. Os diversos elementos do livro, em conjunto e na sua recíproca complementariedade, devem ser referidos a uma "experiência" que, por ser experiência de Deus em Cristo, necessariamente os transcende.

Os estudos do Pe. Letúria mostram que o momento fundamental da vida de Inácio na gênese dos Exercícios é a "exímia ilustração" do Cardoner, preparada por toda a rica experiência espiritual de sua permanência em Manresa, bem como pelo itinerário anterior a partir de sua conversão em Loyola, e enriquecida mais tarde com a visão de La Storta. O núcleo do livro dos Exercícios data, pois, de Manresa. Lá Inácio o escreve, como dizíamos, como ajuda para seu trabalho de dar os exercícios. Mais tarde escrevê-lo-á, refundindo-o, para que possa ajudar a seus companheiros a dar os exercícios. Pelo testemunho de Nadal sobre o origem da Contemplação para alcançar amor, embora não na sua definitiva redação, já está presente naquele primeiro esquema dos Exercícios. Sua origem é, com toda certeza, a "exímia ilustração" do Cardoner. Foi nessa ocasião que ele se sentiu invadido por uma luz divina que lhe permitia dizer que "en todo el discurso de su vida, hasta pasados sesenta y dos años, coligiendo todas cuantas ayudas haya tenido de Dios, y todas cuantas cosas ha sabido, aunque las ayunte todas en uno, no le parece haber alcanzado tanto, como de aquella vez sola" (2). Esta ilustração, como outras anteriores, que a prepararam, gira em torno de Cristo e de sua Cruz, do mistério da vida trinitária e da relação do mundo todo com sua fonte divina. Com essa ilustração, nos diz Inácio, "le parecían todas las cosas nuevas". Já antes, nesse tempo de Manresa, tão rico em experiências espirituais, "una vez se le representó en el entendimiento con grande alegría espiritual el modo con que Dios había criado el mundo, que le parecía ver una cosa blanca, de la qual salían algunos rayos, y que de ella hacía Dios lumbré" (3). A semelhança desta experiência, certamente enriquecida na "exímia ilustração", com a maneira como Inácio descreve na Contemplação "ad amorem" a procedência de todas as coisas de Deus, é evidente. Isto confirma o

(2) Autobiografia, 30

(3) Autobiografia, 29.

testemunho de Nadal sobre a origem da Contemplação para alcançar amor.

Por isso Letúria pode afirmar: "É evidente para nós que a idéia central do fundamento, a descida das criaturas de Deus e sua necessária ascensão e reintegração através da indiferença no fim último que é o mesmo Deus, constituiu uma das experiências mais vivas da exímia ilustração. Mais ainda, contribuiu de maneira sobressalente a estruturar todos os exercícios. Seu reflexo repercutiu na oração preparatória que se repete em todas as meditações. Sua conseqüência lógica organizou as eleições. Sua elevação se abraçou com o Amor perfeito que coroa os exercícios e as regras do discernimento de espíritos. Neste sentido real e operativo, o fundamento é para nós de Manresa" (4).

Vemos, portanto, que a idéia que mais tarde Inácio formulará na consideração do Princípio e Fundamento, e que já desde Manresa está formulada na Contemplação para alcançar amor, é a linha de força fundamental que dirige a estruturação de todos os exercícios.

Isto confirma o que dizíamos a respeito da hermenêutica destas duas peças fundamentais dos Exercícios: elas devem ser lidas no contexto e à luz dos exercícios das quatro semanas. Com uma diferença entre as duas, ao nosso ver: O Princípio e Fundamento, embora de maneira implícita contenha todo o movimento espiritual que será desenvolvido nos Exercícios, não deve ser tematizado de maneira a explicitar tudo o que nele está implícito: isto seria já começar o desenrolar dos exercícios das quatro semanas. São estes que explicitam o que está contido no Fundamento. A função desta consideração inicial é, segundo o testemunho do mesmo Inácio, servir de critério para julgar acerca da aptidão para fazer os Exercícios. Para que o exercitante "sinta a dificuldade que há em usar indiferentemente os meios que Deus nosso Senhor nos deu para que possamos conseguir o fim para que nos criou: e para que conhecendo isto, se ponha totalmente nas mãos de Deus" (5). Quem não compreende que não é indiferente (ou seja, plenamente "livre") e que deve fazer-se indiferente, não tem nenhuma razão para fazer os exercícios. O Fundamento nos diz: eis o que deveríamos ser na vida e não somos. Quem compreende isto e quer colocar-se inteiramente à disposição de Deus, já pode começar os exercícios. São estes que através do longo processo das quatro semanas lhe permitirão assimilar a "sabedoria" contida

(4) Op. cit., p. 21-22.

(5) M.I. II, Directoria, p. 101.

na concisa formulação do Fundamento. A Contemplação para alcançar amor, ao contrário, deverá levar o exercitante a uma "visão" — unificada e simplificada no amor de Deus, fonte de todo bem — de toda a experiência feita nos exercícios (como mais adiante explicaremos) ao mesmo tempo que projeta essa experiência para a vida cotidiana, que vai ser retomada.

A redação definitiva da *Contemplação para alcançar amor* tem lugar, provavelmente, em Roma, no período de 1537 a 1541. É neste tempo, como mostra Victoriano Larrañaga (6) (e não na época de Paris, segundo a opinião até então mais comum, defendida por Letúria e Pinar de la Boullaye) que Inácio fará a revisão total dos Exercícios. Inácio está agora rodeado de companheiros do talhe de Fabro, Laínez e Xavier. O instrumento que ele utilizara para despertar esses mesmos companheiros para o serviço incondicional da "divina majestade", deverá agora ser encomendado a eles. Um *vademecum* para uso pessoal (como nota Letúria) deverá ser transformado num diretório confiado a outros mestres. Inácio muda a estrutura literária do primeiro manual dos exercícios. Acrescenta algumas peças novas (citamos apenas como exemplo o exercício dos Binários, nascido provavelmente da experiência apostólica dos anos de Paris, que o levava a descobrir os subterfúgios da fraqueza e da insinceridade humana em certas ocasiões). Revisa e retoca tudo "conforme as fontes da teologia", segundo o testemunho de Nadal. Todo este trabalho redacional é levado a cabo por Inácio, segundo o mesmo Nadal, "após acabados os estudos", que sabemos teve que interromper em Paris, por falta de saúde, completando-os de dezembro de 1535 a junho de 1537 em Bolonha e Veneza.

Este dado sobre a data da revisão do livro dos Exercícios é de grande interesse para nós. Nesta época Inácio terá passado por uma experiência mística decisiva: a visão de La Storta. Se, como afirma Letúria, "o Cardoner o preparou a fundar a Companhia mediante o esquema e as experiências que, transformando em Manresa o Reino e as Bandeiras de Loyola, ficaram plasmados no seu livro dos Exercícios" (7), a visão de La Storta, que está na mesma linha da ilustração do Cardoner, completando-a, não pode ter deixado de influenciar esta revisão dos Exercícios.

(6) LARRAÑAGA, V., S.J., *La revisión total de los Ejercicios por San Ignacio, en París o en Roma?*, em *Com. Ignat*, 1556-1596, Ar. Hist. S.I. vol. XXV, Roma 1956, pp 396-415.

(7) LETURIA, op. cit., p. 19.

Os estudos de teologia deixaram, certamente, sua marca na última redação do Livro, mas a inspiração fundamental deverá sempre ser procurada na experiência espiritual de Inácio. Como diz Letúria, o livro dos Exercícios, manterá o "tom manresano". Mesmo em contato com as controvérsias teológicas no período dos estudos, Inácio conservou nos Exercícios "o sentido interior, positivo, antipolêmico, verdadeiramente evangélico," (8) de sua primeira inspiração. Quanto à Contemplação para alcançar amor, podemos dizer também que, não obstante o influxo dos estudos teológicos no seu estilo, ela reflete antes de tudo, na sua dinâmica, a experiência espiritual de Manresa, coroada pela visão de La Storta.

Esta experiência, que determinou o itinerário espiritual das quatro semanas dos Exercícios, é a chave fundamental para a interpretação do sentido da Contemplação.

Caráter trinitário e cristológico da Contemplação

Alguns estudos sobre a Contemplação para alcançar amor pretendem mostrar seu sentido cristológico a partir da fórmula "Deus nosso Senhor", que se afirma referir-se aqui particularmente a Jesus Cristo (9). Concedendo que Inácio aplique a denominação Deus nosso Senhor particularmente a Jesus Cristo, assim como outras expressões semelhantes, não nos parecem convincentes os argumentos trazidos para poder afirmar que, neste caso, Inácio quer denominar, com esta expressão, particularmente a Jesus Cristo (10). Nem pensamos que isto seja necessário para afirmar o sentido cristológico da Contemplação. Inclina-mo-nos mais a pensar que "Deus nosso Senhor" deve referir-se aqui ao Pai no mistério da Trindade. Se Inácio quisesse neste momento referir-se particularmente a Jesus Cristo, por que não teria usado a expressão "Cristo nosso Senhor", tão familiar já ao exercitante? Mas justamente por ser trinitária a meditação não pode deixar de ser cristológica. Como mostra o itinerário seguido na experiência espiritual dos exercícios, não existe, na espiritualidade inaciana, outro caminho para o Pai a não ser Jesus

(8) LETURIA, op.cit., 26.

(9) DIAS GONÇALVES, T., *Es cristológica la contemplación "ad amorem"?*, Manresa 45(1973), pp. 289-308.

(10) Cfr. GIULIANI, M., *Dieu notre Createur et Redempteur*, em *Christus* 23 (1959), pp. 329-344.

Cristo, a quem é preciso imitar e seguir até a cruz, identificando-se com seus sofrimentos para assim "entrar na glória do Pai". Assim como não existe contemplação de Jesus Cristo que não revele o mistério da vida íntima da Trindade.

A mística de Inácio, que necessariamente se reflete nos Exercícios (e que em certo sentido tem neles a sua origem), é trinitária. Já vimos o caráter trinitário da "exímia ilustração" do Cardoner. Esse caráter permanecerá até o fim da vida. Eis o testemunho de Nadal: "Sabemos que o Pe. Inácio recebeu de Deus a graça de exercitar-se livremente e descansar na contemplação da Santíssima Trindade: umas vezes era conduzido pela graça a contemplar toda a Trindade, sendo movido a unir-se a Ela com todo seu coração e grande sentimento de devoção e gosto espiritual; outras vezes contemplava ora o Pai, ora o Filho, ora o Espírito Santo. Foi-lhe dada esta graça de contemplar a Trindade muito freqüentemente durante sua vida, mas sobretudo, e então quase continuamente, nos últimos anos de sua peregrinação neste mundo. Esta graça de oração trinitária a recebeu o Pe. Inácio por um raro privilégio, ao mesmo tempo que a graça de experimentar e contemplar em todas as coisas, em todas suas atividades, em todas suas conversas, a presença de Deus e o amor das coisas espirituais; de ser contemplativo na ação (o qual ele costumava exprimir com estas palavras: encontrar a Deus em todas as coisas). Cheios de admiração e de consolação víamos que esta graça, como luz interior de sua alma, se traduzia em certa serenidade irradiante de seu rosto e na clareza e certeza de suas ações em Cristo" (11).

A visão de La Storta confirma este caráter trinitário e cristológico da espiritualidade de Inácio. Entra ele na capela solitária para encomendar ao Pai Eterno, antes de sua entrada em Roma, os projetos apostólicos. O que ele pede é "obter do Pai, por intercessão dos santos mediadores aquilo que ele suplica desde anos: ser totalmente associado a Cristo, ser recebido, junto com seus amigos no Senhor, sob sua bandeira" (12) — diz Hugo Rahner tentando descrever o estado de alma de Inácio. Então ele sente que Deus Pai imprime no seu coração estas palavras: "Eu vos serei propício em Roma". Depois, segundo o testemunho de Laínez, confirmado pelo mesmo Inácio, "parecia-lhe ver a Cristo com a cruz sobre os ombros e ao Pai Eterno ao lado que lhe dizia: *Quero que recebas este por teu servidor*: e as-

(11) MHSI, Nadal IV, 651.

(12) Rahner, H., *La vision de Saint Ignace à la chapelle de La Storta*, em *Christus*, 1 (1954) p. 59.

sim Jesus o recebia e dizia: *Quero que tu nos sirvas*". (13)

Tal é a mística trinitária dos Exercícios: a mesma da vida de Inácio. Dela afirma H. Rahner: "Uma mística trinitária é sempre um retorno a Deus, mas conforme o caráter próprio das três Pessoas, este retorno tem por termo o Pai. Toda a oração de Inácio está dominada por um sentido muito seguro da situação própria do Filho Eterno. Ele é o mediador que conduz ao Pai. Ele toma a alma no Espírito Santo para levá-la com Ele ao Pai. Tal é a significação mística do *mecum* do Reino. Tal é o sentido do tríplice colóquio dos Exercícios. Santo Inácio não pode ver em todas as criaturas, até na Santíssima Humanidade de Jesus, senão 'um meio apto para mais nos conduzir ao fim para que somos criados'... Na sua mística, fundada na estrutura fundamental das coisas da fé, o único caminho pelo qual Jesus conduz ao Pai é a Cruz." (14)

Neste contexto da espiritualidade trinitária dos Exercícios aparece com toda clareza o caráter trinitário e cristológico da Contemplação para alcançar amor, uma vez que esta contemplação não é mais do que uma recapitulação ou melhor uma visão do itinerário de todos os exercícios unificada no amor de Deus: a *contemplação de tudo* o que foi vivido e da nova visão do mundo, nascida dessa experiência, *em Deus* e a contemplação de Deus em tudo isso. Talvez a melhor maneira de expressar o que é a Contemplação para alcançar amor no contexto dos Exercícios seja dizer que ela é o "símbolo" das quatro semanas (15). Sua função é precisamente "unir o que foi destacado" (*syμβάλλειν*) ao longo do processo espiritual e dialético das quatro semanas dos Exercícios no "instante" do reconhecimento do amor de Deus e da entrega total a esse amor no *Sume et suscipe, Domine*... Esta oração por sua vez poderia ser considerada como o "símbolo" de todos os exercícios, à semelhança dos símbolos da fé que resumiam o complexo das realidades da salvação ao mesmo tempo que eram algo assim como a "senha" ou sinal distintivo entre os cristãos. Esta oração resume a experiência espiritual dos exercícios e manifesta a atitude característica daquele que se colocou realmente nas mãos de Deus ao fazer essa experiência.

(13) MHSI, Font. Narr. de Sto. Ign., II, 133.

(14) RAHNER, H., art. cit. p. 59.

(15) Cf. *Séminaire des Exercices, Protocoles*, Bruxelles 1971, p. 140 (notas mimeografadas de um seminário dirigido por A. Chapelle no Inst. d'Études Théologiques).

A Contemplação para alcançar amor "símbolo" das quatro semanas dos Exercícios

A forma redacional da Contemplação poderia iludir-nos: já foi notado por alguns comentadores que se apresenta mais com o aspecto de meditação do que de contemplação. Mas isto não é senão uma consequência do carácter extremamente sintético de sua formulação e da preocupação evidente de um cuidado com a precisão teológica da linguagem. Se for considerada a Contemplação isolada do contexto, poderá facilmente ser convertida numa meditação um tanto especulativa sobre o amor de Deus. Mas toda a dinâmica do processo dos exercícios nos mostra que o que Inácio quer neste momento é que o exercitante volte com simplicidade o seu olhar para os inúmeros encontros com o amor de Deus que lhe foram concedidos ao longo das quatro semanas. Todos esses encontros foram realizados em Jesus Cristo (é por isto que a Contemplação é necessariamente cristológica). Se a experiência dos Exercícios foi bem realizada, deve-se esperar tenha experimentado fortemente o amor de Deus envolvendo sua vida. O olhar pode voltar-se agora, sem necessidade de muitos discursos, para o já experimentado. Ao mesmo tempo, purificado e transformado pela eleição e pela sua identificação com a cruz de Cristo, poderá o exercitante olhar o mundo que deixara ao iniciar a experiência e contemplá-lo sob a nova luz do amor de Deus.

É de suma importância para quem dá os exercícios ter bem presente esta unidade e confluência de todos os seus elementos para um mesmo fim. "O *tanto quanto*, por exemplo — diz Karl Rahner — a *indiferença* e o *mais* do Princípio e Fundamento, bem entendidos, correspondem ao *mais* da imitação do crucificado e também ao *mais* que nos apresenta a meditação dos três binários: o homem chega à paz completa no puro movimento do espírito, levado pelo amor de Deus. Todo este complexo encontra-se igualmente na contemplação para alcançar amor: desenvolvido na dinâmica dos exercícios, aparece-nos no fim como pura expressão do amor" (16).

F. Courel expressa de forma penetrante o sentido da Contemplação quando afirma: "Reencontra-se nesta conclusão do retiro o movimento que estava presente em cada hora de oração, em cada dia, e que aparecia como o movimento seguido pelo conjunto dos exercícios". O movimento espiritual a que ele se refere é aquele que está expresso por Inácio na fórmula *reflectir en mi mismo*, que aparece na

(16) RAHNER, K. *Meditaciones sobre los Ejercicios de San Ignacio*, Barcelona, 1971, p. 258-259.

segunda semana (EE. n. 114) por ocasião da contemplação dos mistérios da vida de Jesus Cristo. Não se trata de refletir "sobre si" mesmo", por uma espécie de introspecção (que poderia ter seu lugar na primeira semana, onde Inácio não usa esta expressão) mas deixar que a luz divina que brilha no mistério contemplado penetre no exercitante, "reflita" nele assemelhando-o ao Cristo, transformando-o para poder viver por Ele (cfr. Gal 2,20) e desta forma "tirar algum proveito". O proveito é precisamente essa transformação interior do exercitante, dom de Deus no Cristo, que o levará à entrega cada vez mais plena para o serviço do Reino e que na Contemplação para alcançar amor se exprimirá na oração "Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade..." (n. 234), que segue precisamente à expressão, aí reencontrada, "refletir em mim mesmo". É o mesmo movimento que se desenrola em cada exercício e em cada dia (através das repetições e contemplações de sentidos) estendido à totalidade da experiência.

Estamos de acordo com Courel, que caracteriza assim a função da Contemplação: "A contemplação para alcançar amor, poder-se-ia dizer, é para o conjunto dos exercícios o que o colóquio é para cada contemplação: o ponto de chegada em que a oração se eleva em nós como acorde final, enriquecido de todas as suas harmônicas, e o ponto de partida donde nos lançamos para agir num mundo transformado. Não se trata já de contemplar este ou aquele mistério (...), mas de contemplá-los todos ao mesmo tempo, numa espécie de revisão geral, em que se passa rapidamente de um a outro para captar as grandes articulações de uma síntese. Trata-se antes de uma dessas 'repetições' em que a alma não tem necessidade de grande número de idéias nem de muitos esforços, mas se encontra no centro de um único mistério, que é ao mesmo tempo o mistério de Deus Criador e do Deus Redentor, do Deus que dá a vida e do Deus que conserva o universo, do Deus de quem tudo procede e para quem tudo retorna: numa palavra, o mistério do amor de Deus" (17).

Aparece assim o lugar da Contemplação no contexto dos exercícios. Apesar das interpretações divergentes dos comentadores e até da opinião de algum diretório que a considera como uma peça à parte, capaz de ser utilizada em qualquer das semanas, ou como um dos modos de orar, pode-se afirmar com certeza que ela é um elemento fundamental dos Exercícios e que seu lugar próprio é o fim da quarta semana.

(17) COUREL, F., *La connaissance intérieure du Seigneur, em Christus*, 27 (1960) p.376.

Dentro da pedagogia inaciana dos Exercícios, ela tem o caráter de *recapitulação ou repetição afetiva* de todo o processo espiritual dos exercícios, de acordo com o princípio de que "o que sacia e satisfaz a alma não é o muito saber, mas o sentir e saborear as coisas internamente" (n. 2). Sua finalidade é "projetar" toda a experiência vivida na vida cotidiana que o exercitante está a ponto de retomar. Encarar essa vida a partir do novo "viver em Cristo", fruto dos exercícios recebido das mãos de Deus.

Poder-se-ia argüir que, dado o teor do texto, a Contemplação teria valor em si mesma e poderia ser usada em qualquer circunstância, dentro ou fora do conjunto dos exercícios inacianos. Isto seria desconhecer um ponto essencial da pedagogia espiritual de Inácio: ele sabe que só pode encontrar descanso e fruto na contemplação do Amor de Deus, ao abrigo das ilusões, quem, no seguimento do Cristo através da contemplação dos mistérios da sua vida, morte e ressurreição procurou "preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, afastando-as, procurar e encontrar a vontade divina, na disposição da sua vida" (n. 1). Só há um caminho para escalar os cumes do amor de Deus: Jesus crucificado. Fora dele o homem não seria capaz de ir além das fixações pseudo-místicas do imaginário. É certamente uma leitura do texto da Contemplação fora do contexto dos Exercícios que tem levado freqüentemente à falsa compreensão da mesma.

Mas, se o seu lugar é o fim da quarta semana, nada impede que ela seja alternada com outras contemplações desta semana, sobretudo uma vez que se entra na fase de repetição e aprofundamento das contemplações da Ressurreição. Isso pode ajudar a uma assimilação mais tranqüila dos frutos com ela pretendidos. O que não deve acontecer é que seja deixada para as últimas horas do retiro, como um apêndice sem importância. Para este momento deve convergir toda a experiência dos exercícios, como convergem na aplicação de sentidos do fim do dia as contemplações da vida de Cristo.

Quando à forma de propor ao exercitante a matéria para esta contemplação, quem dá os exercícios deverá imitar Inácio na sobriedade e concisão. O que o exercitante vai contemplar é o vivido e contemplado ao longo de quatro semanas ricas em experiências e dons do alto. Não é o momento de repetir tudo. Muito menos a ocasião para brilhantes elucubrações sobre o amor de Deus. O essencial é indicar as articulações da experiência vivida. Isto é o que Inácio pretende com os quatro pontos, as duas notas e os preâmbulos. Todos estes elementos apontam para o que foi "sentido" profundamente no processo dos Exercícios.

Contemplando assim sob a luz do amor de Deus toda a ação de Deus, em Jesus Cristo, experimentada e sentida no interior da própria existência e olhando agora sob essa mesma luz o mundo e a vida cotidiana a ser retomada, o exercitante estará preparado para poder "*encontrar a Deus em todas as coisas*": nos seus relacionamentos, no seu trabalho, nos seus sentimentos e afeições, na sua visão das coisas, nos seus anseios, nas suas esperanças, nas suas limitações. Assim poderá ele viver no dia-a-dia a experiência de Deus iniciada no tempo dos Exercícios.

Resta-nos agora mostrar brevemente como o texto da Contemplação está cheio de referências implícitas aos exercícios das quatro semanas, ou melhor, como todo ele se refere à experiência feita nos Exercícios e a pressupõe.

Relação dos diversos elementos da Contemplação com os exercícios das quatro semanas

Gaston Fessard na sua obra notável *La Dialectique des Exercices Spirituels* tenta mostrar, com uma argumentação cuja fragilidade ele próprio reconhece, a correspondência de cada um dos quatro pontos da Contemplação para alcançar amor com cada uma das quatro semanas dos Exercícios. Sua argumentação pode ser contestada, mas oferece certamente uma grande matéria para a reflexão (18). Preferimos dizer que "*todas as semanas são retomadas, na sua interioridade recíproca, em cada um dos pontos da última contemplação*" (19).

a) Notas preliminares (n.230-231)

Já a *primeira nota* caracteriza o tipo de amor que a Contemplação pretende suscitar: um amor voltado para o serviço. Retomam-se assim os grandes momentos dos exercícios: o colóquio da meditação dos pecados com "*o que devo fazer por Cristo*"; a contemplação do Reino, as duas bandeiras, a meditação dos binários, o 3º modo de humildade, o "*que devo fazer e padecer por Ele*", das meditações da paixão. Aliás, Inácio coloca-se assim plenamente na tradição evangélica: "*Não amemos com palavras, nem com a língua, mas por ações e em verdade*" (I Jo 3,18).

(18) FESSARD, G., *La Dialectique des Exercices Spirituels de Saint Ignace de Loyola*, Aubier, 1956, p. 147-164.

(19) *Sémin. des Exerc.*, cit., p. 139.

A *segunda nota*, que descreve o amor como comunicação mútua, nos lembra imediatamente a nota (n. 54) sobre o colóquio da meditação dos pecados: "como um amigo fala a outro... ora implorando um favor, ora acusando-se de uma ação má, ora fazendo-lhe confidências e pedindo conselho". Todo o colóquio segue esta dinâmica da comunicação mútua: "Cristo nosso Senhor, de Criador chegou a fazer-se homem, da vida eterna chegou à morte temporal e assim veio a morrer por meus pecados". Frente a essa comunicação do amor de Cristo surge necessariamente a pergunta do homem: "o que tenho feito por Cristo, o que faço por Cristo e o que devo fazer por Cristo".

É este amor que consiste na comunicação mútua, que está presente na Contemplação do Rei Eterno e vai ser o eixo em torno ao qual se estruturam a segunda e a terceira semanas. É o amor de amizade. Ele aparece na quarta semana no "alegrar-se e sentir intenso gozo por tanta glória e gozo de Cristo Nosso Senhor" (n. 221) e no "papel de consolador, que Cristo Nosso Senhor desempenha, comparando-o ao modo como uns amigos costumam consolar-se uns aos outros" (n. 224).

Na Contemplação para alcançar amor se fala diretamente deste amor. Isto pode ser feito, sem cair na "ilusão" de um amor que se pensa possuir apenas porque é "imaginado", porque o exercitante ao longo de todo o caminho dos exercícios, "exercitou-se" nesta comunicação de bens, que nos é concedida, pela benevolência gratuita de Deus, em Jesus Cristo.

b) Preâmbulos (n. 232-233)

O *primeiro preâmbulo* é quase idêntico ao da meditação dos binários (n. 151), num momento central dos exercícios: a eleição. Foi na presença de Deus, nosso Senhor e de todos os seus santos, que foi feita a eleição. Os santos, testemunhas da sinceridade da eleição, são invocados de novo como intercessores, como presença amiga e estimulante, para viver nesse clima de amor que permite encontrar a Deus em todas as coisas e que se tornou possível pela eleição, pela ordenação da vida toda conforme a vontade de Deus, que já o Fundamento apresentava ao exercitante como meta dos Exercícios. Se já desde os primeiros momentos dos exercícios, o homem tinha contemplado com admiração que os anjos e santos intercediam por ele, apesar de sua situação de pecado (n. 60), quanta confiança não sentirá agora na presença de tantos intercessores que o acompanharão no seu projeto de vida nova, vivida no serviço e no amor de Deus?

O *segundo preâmbulo* retoma, quase literalmente, o terceiro preâmbulo da segunda semana (n. 104). Salta à vista o paralelismo do *conhecimento interno de tantos bens recebidos* com o *conhecimento interno do Senhor*; e do "amar e servir à sua Divina Majestade" com o "amar e seguir" a Cristo na segunda semana. Isto não quer dizer que estas duas expressões "o Senhor" e "sua Divina Majestade" se identifiquem simplesmente, referindo-se ambas particularmente a Jesus Cristo. Isto indica a facilidade com que Inácio passa da contemplação de Jesus Cristo na sua humanidade para a contemplação de Deus na sua vida trinitária. Isto aparece com toda clareza na contemplação da Encarnação (n. 106), que é precisamente onde aparecem as duas expressões e que, ao nosso ver, é fundamental para interpretar a mística dos Exercícios.

É justamente pelo "interno conhecimento de Jesus Cristo" que se pode chegar ao "reconhecimento" dos benefícios de Deus, superando assim a atitude pecadora que é precisamente o "não reconhecimento". Expressões de profundo sabor bíblico (cfr, por exemplo, Is 1,3) e que nos fazem ver, mais uma vez, a unidade interna de todo o processo dos Exercícios.

c) Primeiro ponto (n. 234)

A relação deste primeiro ponto com o resto dos exercícios aparece com evidência. É uma verdadeira recapitulação da experiência toda dos mesmos. Desde as meditações da primeira semana, junto com o reconhecimento do pecado, aparece o "reconhecimento da bondade e da misericórdia de Deus". Inácio conhece muito bem que só perante a "revelação" da bondade e da misericórdia de Deus é possível reconhecer-se pecador. Na primeira semana, o sentimento de gratidão domina sobre o sentimento de vergonha, confusão e arrependimento. Como nota muito bem Gilles Cusson: "A experiência da primeira Semana é *unicamente positiva*: Não só porque se desenrola na presença do Salvador, senão porque o abismo do pecado se medita tão somente para que nos seja permitido sondar a incrível extensão e profundidade do amor de Deus para com o homem" (20). Quando o sentido das meditações desta primeira semana foi deturpado por alguns "pregadores" de retiro, tornou-se necessário acrescentar, às meditações propostas por Inácio, uma meditação sobre a misericórdia de Deus. Por paradoxal que possa parecer, para Inácio,

(20) CUSSON, G., *Experiencia personal del Misterio de Salvación*, Madrid, 1973, p. 141.

a meditação da misericórdia de Deus, é a meditação sobre o inferno (junto com todas as outras meditações da primeira semana) que termina dando graças "por tanta ternura e misericórdia de Deus para comigo" (n. 71). O sentimento que deve predominar na primeira semana e que prepara as disposições requeridas para iniciar a segunda, é o sentimento de uma grande dívida de amor para com o Senhor que "de Criador, veio a fazer-se homem, da vida eterna chegou à morte temporal e assim veio a morrer por meus pecados" (n. 53). É por isso que esta semana se encerra com um colóquio de gratidão (n. 71).

Este reconhecimento dos benefícios de Deus irá crescendo na contemplação da vida de Cristo. Assim, à luz do caminhar histórico de Cristo — único lugar em que se torna possível para o homem reencontrar sua liberdade — a indiferença e a eleição, que poderiam parecer ao exercitante nos primeiros dias da experiência resultado de um difícil e penoso esforço humano, aparecem como predileção de Deus, como graça que deve ser insistentemente pedida. Assim *escolher*, significa, como aparece no colóquio das duas bandeiras, *ser escolhido e recebido* para seguir a Cristo pobre e humilhado (n. 147).

Os mistérios da Paixão serão uma confirmação para o exercitante das riquezas escondidas nesta graça de ser escolhido para seguir a Cristo até a cruz. A quarta semana, integrando dialeticamente as anteriores, levará aquele que faz os exercícios a sentir, cheio de gratidão, a alegria profunda da Ressurreição que nasce de assumir com Cristo os seus sofrimentos e conseqüentemente os sofrimentos e as angústias dos irmãos. Sentir-se-á desta forma escolhido por Cristo para o trabalho de libertação fraterna e de transformação do mundo que "espera ansiosamente ser libertado da escravidão da corrupção, para participar da liberdade gloriosa dos filhos de Deus" (Rom. 8,21). As contemplações do mistério da Ascensão e de Pentecostes situarão o exercitante na visão realista da vida cotidiana, na Igreja de Cristo. Poderá ele assim adquirir uma nova visão do mundo, que, embora continue com suas contradições, sua opacidade, sua dureza, será visto sob nova luz do amor de Deus, porque tendo descido com Cristo até o abismo do sofrimento e do abandono de Deus na Cruz (onde a opacidade se faz transparência e a dureza, ternura divina), pode, em todas as coisas encontrar a Deus. Somente assim esta contemplação não levará o exercitante para um mundo imaginário de campos floridos e belos entardeceres (sem espinhos e sem serpentes). Somente assim os dons de Deus poderão ser reconhecidos e agradecidos no cotidiano da vida humana, marcada sempre pela contradição, que só se desfaz à luz da cruz de Cristo.

Se isto acontecer, o homem poderá dizer com muito afeto,

quase que em êxtase diante da profundidade do amor de Deus, o *Suscipe* de sua *oblação total* a Deus. É a "renovação da eleição", que brota na espontaneidade do amor de Deus, por cima de todo esforço do homem e de todo discurso. Esta *totalidade* da entrega a Deus, que com tanta espontaneidade sobe aos lábios nestes instantes privilegiados da graça, deverá ser vivida nas penosas opções de cada dia, procurando em cada momento aquilo que "mais" conduz, dentro das circunstâncias concretas de acordo com a moção da graça divina, para a glória de Deus. É a dialética do "máxime" e do "magis" que deve ser levada em consideração em todo crescimento cristão que queira caminhar no realismo da condição histórica do homem.

Assim a contemplação da sublimidade do amor de Deus não dispensará nunca o homem de voltar-se para a contemplação do caminhar histórico de Cristo, num esforço sempre renovado de conversão. Esta dialética do "mais" e do "todo", tem sua razão de ser na dialética "realização e promessa" do cristianismo: tudo nos foi dado em Jesus Cristo, mas, ao mesmo tempo tudo esperamos ainda, porque "possuímos as primícias do Espírito" e sendo já filhos de Deus "gememos em nosso interior, esperando a filiação adotiva" e tendo sido salvos "é na esperança que temos sido salvos" (cfr. Rom. 8,23-24)..

d) Segundo ponto

O *segundo ponto* nos convida a aprofundar o sentido destes benefícios de Deus: por eles Deus se torna presente em todas as coisas, presença que chega à sua máxima interioridade e profundidade ao fazer Deus de mim o seu templo. Isto só pode ser contemplado "em Jesus Cristo". É ele por excelência o Templo de Deus, e nós o somos enquanto, sendo "seu Corpo", estamos unidos a ele e participamos de sua vida.

Se no decorrer dos Exercícios, o exercitante procurou fazer-se presente aos mistérios da vida de Cristo (e isto não por uma ficção imaginativa, mas pela fé na presença dos mistérios da vida de Cristo em nossa vida), se as contemplações foram para ele realmente um "ouvir e ver com nossos olhos e apalpar com nossas mãos a Palavra da Vida", (cfr. 1 Jo 1,1) o poderá agora sentir facilmente esta presença de Deus em todas as coisas. Não se trata de fazer elucubrações filosóficas ou teológicas sobre a presença de Deus, mas de ver com os olhos da fé essa presença de Deus em tudo, por Cristo e em Cristo.

Esta contemplação da presença de Deus, ao mesmo tempo que evocará uma série de reminiscências da experiência espiritual vivida

nos dias dos Exercícios, fará que o exercitante olhe para sua vida futura com esse olhar novo adquirido na contemplação do Mistério de Cristo. Será capaz de compreender agora que vive numa Igreja que é em toda sua realidade presença atuante — sacramento — do Senhor Ressuscitado.

e) Terceiro ponto

O respeito do *terceiro ponto* recordaremos apenas o que Nadal escreve na *Apologia dos Exercícios*. Depois de propor os textos da Sagrada Escritura que apresentam a Deus como que trabalhando com fadiga por suas criaturas, permitindo assim esta linguagem antropomórfica, e apontando especialmente para os trabalhos do Verbo de Deus encarnado para a salvação dos homens, diz, assinalando o alvo desta contemplação: "Desejamos, neste lugar, investigar o amor divino com uma avidez fervente, não só para descansar nele, senão para lançar-nos, confirmados e fortes com este amor, às ações nas quais procuramos com mais intensidade a salvação e perfeição do próximo. E o fazemos considerando os benefícios divinos que com sua grandeza e divindade por uma parte, e com nossa indignidade por outra excitam em nós o afeto do amor e avivem o desejo do serviço divino" (21).

Esta interpretação de Nadal ressalta bem a relação deste ponto com o resto dos Exercícios. Não será difícil encontrar nos Exercícios das diversas semanas esses "trabalhos de Jesus Cristo por nós". Já nos primeiros dias o exercitante é convidado a pensar o que ele vai fazer por Cristo ao contemplar o que Cristo fez e "padeceu" por ele. Num dos exercícios chaves de todo o processo inaciano, a contemplação do Rei Eterno, ouvimos a Jesus Cristo convidando-nos para segui-lo, com estas palavras: "Quem quiser vir comigo, deve trabalhar comigo, para que, me seguindo nos trabalhos, também me siga na glória (n. 25). Os exercícios que sequeem (segunda, terceira e quarta semanas) não são senão o desenvolvimento disto.

Vemos, portanto, como este ponto da contemplação *ad amorem* é uma recapitulação, sob a luz do amor de Deus, de todos os Exercícios. E tendo visto a Cristo "trabalhando" por nós, nos mistérios de sua vida temporal, saberemos vê-lo assim presente em todos os momentos de nossa vida cotidiana. Através dos sacramentos (e de

(21) MHSI, Nadal IV, 846. Citado por Nicolau em *Jerónimo Nadal. Sus obras y doctrinas espirituales*, Cons. Sup. de Inv. Cient. Madrid, 1949, p. 386.

toda a vida da Igreja, toda ela "sacramental"), os mistérios da vida de Cristo — seus "trabalhos" portanto, — se fazem presentes em nossa vida.

Há neste ponto um aprofundamento inefável do amor como comunicação de bens: Deus age para o serviço do homem e o homem procura responder agindo para o serviço de Deus. Na quarta semana esta ação se torna "paixão". Deus e o homem comunicam seus sofrimentos até a morte. O amor não podia ir mais longe.

f) Quarto ponto

O *quarto ponto* nos leva à culminância desta comunicação do amor. Justamente por esta "laboriosa e sofrida" comunicação de bens, se abrem os caminhos da comunhão total, do renascer em Deus, superada toda distância. Em Cristo, o homem reencontrando Deus, reencontra todas as coisas a começar por si mesmo, na novidade da Vida do Ressuscitado. São os novos céus e a nova terra, a nova Criação das promessas divinas.

Na sua situação de pecador (1ª semana) o homem via sua orgulhosa sabedoria como ignorância que se opõe à sabedoria de Deus; seu desejo de dominação e de poder como fraqueza presunçosa frente à onipotência divina (n. 59). É claro que a oposição era criada pelo homem, não por Deus. Pela Cruz de Cristo tudo volta à ordem primigênia. Reconciliado com Deus e consigo mesmo, o homem pode ver seu limitado poder como manifestação do infinito poder de Deus, e assim sua justiça, sua piedade, sua bondade. Agora tudo é transparência divina. Teofania. As criaturas, apresentadas no Princípio e Fundamento como possíveis obstáculos para a ascensão a Deus, são recuperadas na sua verdade: na verdade da nova criação instaurada por Cristo.

Muitas são as relações que poderíamos descobrir deste ponto com o resto dos Exercícios. Se o exercitante, seguindo as orientações de Santo Inácio, exercitou-se na contemplação da humanidade de Cristo e de Nossa Senhora, sabendo ver neles o reflexo da bondade e do amor de Deus, ser-lhe-á fácil agora ver em todas as criaturas o resplendor dessa glória do Filho de Deus, que se manifestou na carne e que é a glória eterna do Pai.

Nossa teologia ocidental, centrada sobre o "bonum" e o "verum" teria aqui muito que aprender, para voltar-se com a teologia oriental e a teologia primitiva para o "pulchrum" (22). Se nossos

(22) URS VON BALTHASAR em sua obra monumental *Herrlichkeit, eine theologische Ästhetik* tenta construir esta nova figura da teologia.

olhos soubessem contemplar a "figura" de Cristo, irradiando toda sua beleza, como "Imagem do Pai" e "resplendor de sua glória" (cfr. Hb 1,3) e nele contemplar a "figura" do mundo, em lugar de nossas "verdades" fragmentárias e estanques sobre Deus e sobre as coisas, nossa vida cristã estaria muito mais unificada e atingiria muito mais facilmente todos os níveis do agir do homem.

Justamente porque os Exercícios nasceram de uma experiência mística, da contemplação da "figura" de Jesus Cristo e da "figura" da Trindade, refletida em todas as criaturas, e não de especulações teológicas, é que eles podem ser um caminho de vida espiritual. Um caminho para "alcançar o amor de Deus".

END. DO AUTOR:

*Av. São Francisco, 1645
Caixa Postal, 5047
30.000 - Belo Horizonte-MG*